

ELIAS CANETTI

A LÍNGUA ABSOLVIDA

História de uma juventude

Tradução
Kurt Jahn



Copyright ©1977 by Carl Hanser Verlag München Wien

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Die gerettete Zunge — Geschichte einer Jugend

Indicação editorial

Holle Brandt

Capa

Jeff Fisher

Imagem da capa

© Bruno Reiffenstein/ Austrian Archives/ Corbis (DC)/ LatinStock
Praterstern, Viena, c. 1900

Preparação

Newton T. L. Sodré

Revisão

Adriana Moretto de Oliveira

Renato Potenza Rodrigues

Atualização ortográfica

Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Canetti, Elias, 1905-1994.

A língua absolvida : história de uma juventude / Elias Canetti ;
tradução Kurt Jahn. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Die gerettete Zunge: Geschichte einer Jugend
ISBN 978-85-359-1766-6

1. Autores austríacos — Século 20 — Biografia 2. Canetti,
Elias, 1905-1994 — Infância e juventude I. Título.

10-10507

CDD-833.912

Índice para catálogo sistemático:

1. Escritores austríacos : Literatura austríaca em alemão :
Biografia 833.912

2010

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Para Georges Canetti
1911-1971

SUMÁRIO

- I. RUSCHUK — 1905-1911
Minhas primeiras recordações 9 • Orgulho de família 10 • “Kako la gallinica.” Lobos e lobisomens 13 • O machado do armênio. Os ciganos 18 • O nascimento do meu irmão 23 • A casa do turco. Os dois avôs 26 • Purim. O cometa 29 • A língua mágica. O incêndio 33 • Serpentes e letras 38 • O assalto 41 • Uma maldição para a viagem 44
- II. MANCHESTER — 1911-1913
Papel de parede e livros. Passeio à margem do Mersey 48 • Little Mary. O naufrágio do *Titanic*. Capitão Scott 56 • Napoleão. Hóspedes antropófagos. As alegrias de domingo 64 • A morte de meu pai. A última versão 71 • A celestial Jerusalém 79 • O idioma alemão no lago de Genebra 85
- III. VIENA — 1913-1916
O terremoto de Messina. O Burgtheater em casa 98 • O incansável 104 • A eclosão da guerra 112 • Medeia e Ulisses 117 • Viagem à Bulgária 121 • A descoberta do mal. A fortificação de Viena 131 • Alice Asriel 139 • O prado de Neuwaldegg 146 • A doença de minha mãe. *Herr* Professor 149 • A barba no lago Constança 155
- IV. ZURIQUE — SCHEUCHZERSTRASSE — 1916-1919
O juramento 165 • Um quarto cheio de presentes 169 • Espionagem 175 • Sedução pelos gregos. Escola para o conhecimento humano 178 • A cabeça. Disputa com um oficial 188 • Sessões de leitura diurnas e noturnas. A vida dos presentes 192 • Hipnose e ciúme. Os gravemente feri-

dos 200 • Homenagem a Gottfried Keller 207 • Desolação em Viena. O escravo de Milão 211

V. ZURIQUE — TIEFENBRUNNEN — 1919-1921

As boas solteironas da Vila Yalta. Dr. Wedekind 221 • Filogenia do espinafre. *Junius Brutus* 236 • Entre grandes homens 242 • O ogro agrilhado 246 • Como tornar-se odiado 252 • A petição 257 • As proibições 267 • A cura da fobia aos camundongos 273 • O homem marcado 277 • A chegada dos animais 280 • A língua incompreensível. O canário 288 • O entusiasta 292 • História e melancolia 303 • A coleta 308 • O bruxo entra em cena 312 • *A aranha negra* 315 • Michelangelo 321 • O paraíso perdido 326

Sobre o autor 339

I. RUSCHUK — 1905-1911

MINHAS PRIMEIRAS RECORDAÇÕES

Minhas primeiras recordações estão imersas no vermelho. Saio por uma porta nos braços de uma menina, o chão à minha frente é vermelho e à minha esquerda desce uma escada igualmente vermelha. À nossa frente, à mesma altura, abre-se uma porta e aparece um homem sorridente que, alegre, vem em minha direção. Ele se aproxima bem, para e me diz: “Mostre a língua!”. Mostro a língua e ele leva a mão ao bolso, tira um canivete, abre-o e põe a lâmina bem perto de minha língua. Ele diz: “Agora lhe cortaremos a língua”. Não ousa recolher a língua; ele se aproxima cada vez mais, até quase tocá-la com a lâmina. No último momento ele recolhe a faca e diz: “Hoje ainda não, amanhã”. Ele dobra o canivete e o guarda no bolso.

Todas as manhãs saímos pela porta para o pátio vermelho, a porta se abre e o homem sorridente aparece. Sei o que ele dirá e aguardo sua ordem de mostrar a língua. Sei que ele a cortará, e cada vez tenho mais medo. Assim começa o dia e a história se repete muitas vezes.

Guardo-o para mim, e só muito mais tarde pergunto a minha mãe sobre isso. Ela reconhece, pela cor vermelha, a pensão em Karlsbad onde passou o verão de 1907 com meu pai e comigo. Ela havia trazido da Bulgária, para o menino de dois anos, uma ama que, ela própria, ainda não fizera quinze anos. De manhã cedo ela costumava sair com a criança nos braços, só falava búlgaro mas se orientava bem na movimentada Karlsbad, e sempre regressava pontualmente com a criança. Certa vez ela foi vista na rua com um homem jovem; nada sabe acerca dele, conhecera-o por acaso.

Após algumas semanas descobre-se que o jovem mora no quarto logo a nossa frente, do outro lado do corredor. A menina, à noite, às vezes lhe faz uma rápida visita. Os pais se sentem responsáveis e a mandam de volta para a Bulgária.

Ambos, a menina e o moço, costumavam sair muito cedo de casa, e assim deve ter acontecido o primeiro encontro, assim deve ter começado tudo. A ameaça com a faca produziu seu efeito, a criança silenciara sobre isso durante dez anos.

ORGULHO DE FAMÍLIA

Ruschuk, no Danúbio inferior, de onde cheguei ao mundo, era uma cidade maravilhosa para uma criança, e se eu disser que fica na Bulgária darei uma imagem incompleta dela, pois lá viviam pessoas das mais diferentes origens, e num dia só podiam-se ouvir sete ou oito idiomas. Além dos búlgaros, frequentemente vindos do campo, havia muitos turcos, que viviam em seu próprio bairro, e limitando-se com este havia o bairro dos sefardins, o nosso. Havia gregos, albaneses, armênios, ciganos. Da outra margem do Danúbio vinham os romenos; minha ama, da qual não me lembro, era romena. Havia ainda alguns russos.

Quando criança eu não tinha uma visão geral dessa multiplicidade, mas constantemente sentia os seus efeitos. Algumas figuras só me ficaram na memória porque pertenciam a um grupo nacional diferente e se distinguiam por seus trajes. Entre os criados que, ao longo de seis anos, tivemos em nossa casa, houve certa vez um tcherquesse e, mais tarde, um armênio. A melhor amiga de minha mãe era Olga, uma russa. Uma vez por semana os ciganos invadiam nosso pátio; eram tantos que me parecia um povo inteiro, e ainda falarei do medo que me infundiam.

Ruschuk era um velho porto do Danúbio, e, como tal, tivera certa importância. O porto havia atraído gente de toda a parte, e o Danúbio sempre era tema de conversa. Havia histórias sobre aqueles anos em que o Danúbio congelou; sobre

as viagens de trenó pelo gelo, até a Romênia; sobre os lobos famintos que assediavam os cavalos dos trenós.

Os lobos foram os primeiros animais selvagens de que ouvi falar. Nas histórias que as filhas dos camponeses búlgaros me contavam havia lobisomens, e certa noite meu pai me assustou com uma máscara de lobo no rosto.

Difícilmente conseguirei dar uma ideia do colorido daqueles primeiros anos em Ruschuk, de suas paixões e de seus terrores. Tudo o que me aconteceu mais tarde já havia acontecido alguma vez em Ruschuk. Lá, o resto do mundo se chamava Europa, e quando alguém viajava para Viena, subindo o Danúbio, dizia-se que viajava para a Europa; lá, a Europa começava onde outrora terminara o Império Otomano. Entre os sefardins, quase todos eram cidadãos turcos. Haviam sido mais bem tratados sob os turcos do que os eslavos cristãos dos Bálcãs. Mas como muitos sefardins eram prósperos negociantes, o novo regime búlgaro mantinha boas relações com eles, e Fernando, o rei que governou por muito tempo, era considerado amigo dos judeus.

A lealdade dos sefardins era um tanto complicada. Eram judeus praticantes, para os quais a vida comunitária tinha importância. Ocupava, sem arrebatamento exagerado, o centro de suas existências. Mas se consideravam judeus de uma espécie diferente, o que se relacionava com a sua origem hispânica. No decorrer dos séculos, desde a sua expulsão, o espanhol que falavam entre si se modificara muito pouco. Haviam sido incorporadas ao idioma algumas palavras turcas, mas eram reconhecidas como turcas, e quase sempre também havia para elas equivalentes em castelhano. As primeiras canções infantis que ouvi foram espanholas; também ouvi antigos “romances” espanhóis, mas o que se apresentava mais forte e irresistível para uma criança era a mentalidade hispânica. Com ingênua arrogância, olhavam com menosprezo para os outros judeus, e uma palavra sempre carregada de desprezo era “tudesco”, utilizada para designar um judeu alemão ou asquenazim. Seria impensável casar-se com uma “tudesca”, e, entre as muitas famílias das quais, em criança, eu ouvia falar ou que eu conhecia, em Ruschuk, não me lembro de

um único caso de casamento misto. Eu ainda não tinha seis anos quando meu avô me advertiu contra esse tipo de aliança no futuro. Mas não se tratava apenas dessa discriminação generalizada. Entre os próprios sefardins havia as “boas famílias”, com o que se queria designar aquelas que já estavam ricas havia muito tempo. O que de mais orgulhoso se podia ouvir dizer acerca de uma pessoa era “*es de buena familia*”. Inúmeras vezes, até a saciedade, ouvi essa expressão de minha mãe. Quando ela falava com entusiasmo do Burgtheater, o Teatro Imperial de Viena, e comigo lia Shakespeare, até mesmo muito mais tarde, quando falava de Strindberg, que se tornara seu autor favorito, ela se sentia à vontade ao dizer, de si própria, que era de boa família, que não havia outra melhor. Ela, para quem a literatura das línguas cultas, que ela dominava, se tornara o verdadeiro conteúdo de sua vida, não sentia qualquer contradição entre essa apaixonada universalidade e o arrogante orgulho de família, que alimentava.

Mesmo na época em que era totalmente apegado a ela — abria-me todas as portas do espírito e eu a seguia cegamente e com entusiasmo —, eu estranhava essa contradição, que me afligia e perturbava, e em inúmeras conversas naquele período de minha juventude falei-lhe sobre isso e a recriminei, sem lhe produzir a menor impressão. Seu orgulho encontrara seus próprios canais e os seguia imperturbável, mas essa estreiteza, que eu não entendia, desde cedo me preveniu contra todo orgulho de proveniência. De certa forma, não consigo levar a sério as pessoas com orgulho de casta; vejo-as como animais exóticos, mas um tanto ridículos. Surpreendo-me com preconceitos inversos contra aquelas pessoas que se atribuem algo especial devido a sua origem. Com os poucos aristocratas, com os quais fiz amizade, tive que ser indulgente por falarem nisso, e se eles suspeitassem quanto esforço isso me custava teriam desistido de minha amizade. Todo preconceito é condicionado por outro preconceito, e os mais frequentes são aqueles que provêm de suas contradições.

A casta em que minha mãe se incluía, além da procedência hispânica, era também endinheirada. Em minha família, e especialmente na dela, vi o que o dinheiro faz com as pessoas. As

piores pessoas são aquelas que mais docilmente se entregam ao dinheiro. Cheguei a conhecer todas as transições, da ganância à mania de perseguição. Conheci irmãos que, movidos pela cobiça, se arruinaram mutuamente em processos intermináveis, e que continuaram mesmo quando o dinheiro havia terminado. Pertenciam às mesmas “boas” famílias de que minha mãe tanto se orgulhava. Ela própria acompanhava tudo, e frequentemente falávamos daquilo. Sua inteligência era penetrante; conhecia a humanidade através das grandes obras da literatura universal, mas também pela experiência de sua própria vida. Reconheceu os motivos da desvairada autodestruição em que sua família estava empenhada; ter-lhe-ia sido fácil transformá-la num romance, mas o seu orgulho por essa mesma família continuou inabalável. Se se tratasse de amor, talvez eu o tivesse compreendido. Mas ela nem sequer amava a muitos dos protagonistas: uns lhe produziam indignação, outros lhe inspiravam desprezo. Pela família, como um todo, só sentia orgulho.

Tarde compreendi que, transportado para o ambiente mais amplo da humanidade, sou igual a ela. Passei a melhor parte de minha vida tentando descobrir as artimanhas do homem, assim como aparecem nas civilizações históricas. Examinei e desmontei o poder com tanta impiedade quanto minha mãe o processo de sua família. Há poucos males que eu não possa atribuir ao homem e à humanidade. E, mesmo assim, meu orgulho por ambos é tão grande, que só sinto verdadeiro ódio de uma coisa: seu inimigo, a morte.

“KAKO LA GALLINICA.” LOBOS E LOBISOMENS

Uma palavra veemente, e ao mesmo tempo suave, que muitas vezes ouvi foi “butica”. Assim era chamada a loja, o negócio, em que meu avô e seus filhos passavam o dia. Raramente me levavam até lá, porque eu era pequeno demais. Ficava numa rua íngreme que conduzia dos bairros mais ricos de Ruschuk diretamente para o porto. Nessa rua estavam as lojas mais importan-

tes: a do meu avô ficava num prédio de três andares, que me parecia alto e imponente, porque as moradias no alto da colina eram de um só andar. Lá se vendiam produtos coloniais por atacado; era uma loja espaçosa cujos odores eram maravilhosos. Sobre o assoalho, grandes sacos abertos continham diversas espécies de cereais, havia sacos com pãoço, com cevada, e outros com arroz. Eu podia meter minhas mãos, se estivessem limpas, e sentir os grãos. Era uma sensação agradável, enchia a mão com grãos, levantava-os, cheirava-os e deixava que escorressem devagar. Fazia isso muitas vezes e, embora houvesse outras coisas estranhas na loja, era o que eu mais gostava de fazer, e dificilmente deixava que me afastassem dos sacos. Havia chá, café e, especialmente, chocolate. Tudo em grandes quantidades e bem acondicionado; nada era vendido a granel, como nas mercearias comuns. Os sacos abertos no chão me davam mais prazer porque não eram altos demais para mim, e eu, ao meter a mão, podia sentir toda aquela profusão de grãos.

A maioria das coisas que lá havia era comestível, mas nem todas. Havia fósforos, sabões e velas. Também havia facas, tesouras, pedras de amolar, foices e gadanhas. Os camponeses, vindos das aldeias para fazer compras, ficavam muito tempo diante desses utensílios e examinavam-lhes o fio com os dedos. Eu os observava interessado e um pouco amedrontado; era-me proibido tocar nas lâminas. Certa vez um camponês, talvez divertido com minha cara, segurou meu polegar, colocou-o ao lado do seu e me mostrou como era dura a sua pele. Mas nunca me deram um chocolate; meu avô, sentado atrás de uma escrivaninha, mantinha um regime severo, e tudo era por atacado. Em casa me demonstrava seu amor porque eu tinha o nome dele. Mas não gostava de me ver no armazém, e nunca me deixava permanecer por muito tempo. Quando dava uma ordem, o empregado que a recebia saía correndo, às vezes carregando pacotes. Meu preferido era um homem magro e envelhecido, pobremente vestido, que sempre sorria distraído. Ele tinha os movimentos inseguros e se sobressaltava quando meu avô dizia alguma coisa. Ele parecia sonhar e era bem diferente das outras

peessoas que eu via na loja. Para mim ele sempre tinha uma palavra amável; falava tão indistintamente que eu não o entendia, mas sentia que ele me queria bem. Seu nome era Tschelebon, e o empregaram por compaixão, como parente pobre e irremediavelmente inapto. Eu sempre ouvia chamarem Tschelebon como se fosse um criado e assim o conservei na memória. Só muito mais tarde vim a saber que ele era um irmão de meu avô.

A rua diante do portão de nosso pátio era coberta de pó e sonolenta. Quando chovia muito, ela se transformava num lamaçal em que as carruagens deixavam sulcos profundos. Não me era permitido brincar na rua; em nosso grande pátio havia espaço mais que suficiente, e era lugar seguro. Mas, às vezes, eu ouvia vindo de fora um cacarejar impetuoso, que logo se tornava mais forte e veemente. Então, não demorava muito, e se precipitava pelo portão adentro um homem de roupa preta e maltrapilha, cacarejando e tremendo de medo, fugindo dos meninos da rua. Todos corriam atrás dele, gritando “Kako! Kako!” e cacarejando como galinhas. Ele tinha medo das galinhas, e por isso o perseguiram. Estava alguns passos à frente deles, e aos meus olhos ele próprio se transformava numa galinha. Cacarejava violentamente, mas desesperado de medo, e fazia movimentos esvoaçantes com os braços. Corria escada acima, sem fôlego, à casa do meu avô, mas não ousava entrar. Do outro lado do patamar pulava para baixo e ficava deitado, imóvel. Os meninos ficavam parados no portão, cacarejando, pois não tinham permissão de entrar no pátio. Quando ficava estendido como um morto, os garotos se atemorizavam um pouco e se retiravam. Mas logo entoavam, lá fora, seu canto triunfal: “Kako la gallinica! Kako la gallinica!”. Enquanto cantavam, Kako permanecia imóvel. Logo que não os ouvia mais, ele se levantava, se apalpava, olhava ao redor cauteloso, escutava temeroso ainda por alguns momentos, e finalmente se esgueirava do pátio, curvado, mas em completo silêncio. Agora já não era mais uma galinha, não cacarejava nem esvoaçava, e se convertia novamente no maltratado idiota do bairro.